

O PDS ameaça com obstrução no Senado

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O presidente pedessista, senador Amaral Peixoto, e o líder do partido, senador Aloysio Chaves, advertiram ontem que o PDS pode criar no Congresso várias dificuldades ao governo Tancredo Neves e ainda retirar o apoio à candidatura de Ulysses Guimarães à presidência da Câmara, se a Aliança Democrática não lhe der a presidência do Senado. "Sendo o PDS a bancada majoritária no Senado, é preciso respeitar a tradição", disse Amaral Peixoto, depois de um encontro de 15 minutos com o ministro Leitão de Abreu. "Ninguém apanha calado", completou Aloysio Chaves.

Pela manhã, os líderes do PMDB, Humberto Lucena, e do Partido da Frente Liberal, Carlos Chiarelli, reuniram-se com o líder pedessista e propuseram um acordo. O PDS aceitaria votar num candidato da Aliança Democrática à presidência do Senado, recebendo em troca a 1ª e 2ª secretarias e uma suplência na Mesa da Casa. Lucene Chiarelli deu prazo de 24 horas para a resposta de Aloysio, ou seja, até hoje de manhã.

A saída da reunião o líder pedessista já não se mostrava satisfeito

com a oferta da oposição, considerando a proposta "leonina". A seu ver, o PDS está cedendo a presidência da Câmara ao PMDB, porque ele tem a maior bancada na Casa. "O mesmo princípio, por coerência, deveria vigorar no Senado", ressaltou Aloysio, que mesmo assim prometeu consultar sua bancada sobre as negociações.

O problema, até agora, tem sido a interpretação do que significa uma bancada majoritária. O PDS entende ser a sua, que individualmente soma maior número de cadeiras. A oposição, ao contrário, alega dispor da maioria, com a Aliança Democrática, que inclui os senadores do PMDB e do PFL.

Com base nesse raciocínio, o líder peemedebista Humberto Lucena disse, após o encontro com Aloysio, esperar que "até amanhã (hoje) o PDS reflita bem e chegue à conclusão de que a grande solução é interpartidária". Segundo ele, caso os pedessistas aceitem o acordo, o PMDB não terá problemas para compor-se com os liberais para decidir a quem caberá o posto.

À tarde, a situação ficou um pouco mais complicada. O líder do PDS endureceu mais sua posição, depois de conversar com o presidente de seu

partido. Na opinião de Aloysio, o fato de o PDS ficar com a presidência do Senado (e, por extensão, do Congresso Nacional) em nada prejudicará o programa de transição democrática do futuro governo, "pois o partido está há muito tempo engajado nesse programa de abertura política e foi ele quem deu respaldo para a realização das reformas institucionais que possibilitaram a transição".

Além disso, defendeu que o senador Luiz Viana Filho, o candidato da bancada ao cargo, "é um nome conhecido, já presidiu o Senado e foi sob sua presidência que se elaborou uma proposta de devolução das prerrogativas do Legislativo". Com tudo isso, é provável que hoje Aloysio responda aos líderes da Aliança Democrática que não teve tempo suficiente para consultar sua bancada em relação à proposta de acordo. E se a composição não sair, o PDS deverá apresentar chapa para disputar em plenário com o bloco PMDB/PFL. Outra consequência do endurecimento pedessista no caso do Senado poderá ser a revisão do entendimento anterior para a Mesa da Câmara.

Mas esse não é o único problema do PMDB. Mesmo que resolva o conflito com os pedessistas, o partido precisa ainda acertar definitivamente os ponteiros com seu parceiro

PFL. Segundo avaliação feita pelo senador Pedro Simon, ainda no caso de um peemedebista ser indicado para a presidência do Senado, o partido precisará optar entre o próprio líder Humberto Lucena e o senador José Fragelli (MS), pretendentes ao posto. Com tudo isso, Lucena também se mostrou preocupado: "O Luiz Viana está dizendo aos jornais que é candidato à presidência do Senado e que vai bater chapa. Este é o problema. Eles já têm candidato. Nós, ainda não".

O Partido da Frente Liberal também não abre mão da presidência do Senado, reafirmou o senador Marco Maciel. No seu entender, a reivindicação se justifica pelo critério de proporcionalidade entre os dois maiores partidos que formaram a Aliança Democrática, uma vez que o PMDB fica com a presidência da Câmara. Maciel insistiu que não é candidato ao cargo. Recebido ontem de manhã por Tancredo, o senador Guilherme Palmeira (PFL-AL) apresentou-se como concorrente.

NA CÂMARA

Restam agora apenas dois candidatos à liderança do PMDB na Câmara: Oswaldo Lima Filho (PE) e Pimenta da Veiga (MG). O terceiro, deputado Egídio Ferreira Lima (PE), retirou-se ontem da disputa.